



## **APROPRIAÇÕES NA HISTÓRIA DA ARTE: EXPERIMENTAÇÕES AO DE-FORMAR O CURRÍCULO**

**Interculturalidade e Diversidade nas Ações Educacionais**

**Carin Cristina Dahmer<sup>1</sup>**

**Marilda Oliveira de Oliveira<sup>2</sup>**

### **RESUMO**

Este artigo aborda a história da arte que compõe o currículo escolar para a disciplina de artes, a partir de experimentações realizadas em uma escola municipal de ensino fundamental na cidade de Silveira Martins-RS. Relaciona a história da arte através das possíveis apropriações com o presente, ao produzir outros sentidos além dos já sabidos, ao sobrepor elementos atuais nestas imagens do passado, a partir de Archer (2012), Argan (2006) e Chiarelli (2002). Propõe momentos de negociações entre os saberes da história da arte, de um conteúdo narrativo, linear e sequencial, em prol de desvios da arte rupestre, em direção ao grafite da arte urbana; pelos artistas viajantes do século XIX, os quais deixaram registros de seus percursos, fomentando a exploração das relações que os estudantes tecem com os lugares que ocupam em suas vidas. Para isso operou-se o currículo e os saberes da história da arte pelo viés de sua de-formação (SILVA, 2004), do que produzimos com essas imagens do passado. Como método de pesquisa, nota-se a cartografia dos percursos docentes, ao acompanhar os encontros entre docente e estudantes, e seus desvios pela história da arte. Assim, percebeu-se como resultado as possibilidades de experimentar a história da arte através de apropriações, composições entre a sala de aula e o currículo, de-formando esse saber e produzindo outros sentidos com o presente.

**Palavras-chave:** Docência; história da arte; apropriações; currículo.

### **Por uma aproximação entre a história da arte e as apropriações, o currículo e sua de-formação**

Ao adentrar nos espaços educativos, estive desde a graduação, atravessada pela temática da história da arte. Este fascínio permeou a pesquisa e também as experiências docentes nas quais estive inserida como professora de artes no município de Silveira Martins. Assim, procurei aproximar a pesquisa e a vida, entre a escola e a universidade, a partir de temas latentes que atravessavam a história da

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, pela Universidade Federal de Santa Maria, Mestre em Educação pela UFSM, carindahmer@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em História da Arte pela Universidade de Barcelona, Espanha. Professora Associada do Departamento de Metodologia do Ensino, Programa de Pós-Graduação em Educação, na Universidade Federal de Santa Maria, marildaoliveira27@gmail.com



arte, o currículo escolar e seus possíveis desvios através das apropriações e de-formações. A fim de problematizar algumas experimentações docentes, procurei articular o conceito de apropriações, a partir de Argan (2006), como um procedimento que permite a justaposição de variados elementos à obra de arte, elencando objetos não usuais para compor uma outra obra, a partir de imagens de obras de arte ou não, de caracteres do cotidiano que adentram o espaço da arte, aproximando a percepção de um/a professor/a que possa justapor outros elementos aos documentos curriculares que compõem os espaços escolares. Assim como Archer (2012), ao apresentar as apropriações como possibilidade de recombinação de variados elementos, que não dizem respeito a uma progressão evolutiva para a história da arte, mas como possibilidade de diálogo entre a autoria e originalidade da obra de arte. Para Chiarelli (2002) as apropriações possibilitam um colecionismo de elementos do cotidiano, do que nos afeta, e ao serem deslocadas para outros espaços, compõem outras obras de arte.

Segundo Silva (2004), podemos nos aproximar dos currículos escolares a partir do viés da de-formação, por uma educação de-formadora, que não formate o processo de aprendizagem somente pelos saberes e conhecimentos elencados nos currículos, mas que cada professor/a possa com ele maquinar desvios para construir junto aos estudantes outros conhecimentos para além do que os livros já nos dizem. Assim, as possíveis apropriações curriculares e sua de-formação, permitem que os territórios curriculares possam ser tramados nos espaços educativos, nas salas de aulas, para além do que este documento oferece para a formação dos sujeitos, principalmente no que diz respeito ao ensino da história da arte.

Neste sentido, ao pensar em uma outra história da arte, a partir das relações entre a história e a arte, é que passei a abordar os meandros das composições possíveis no âmbito do currículo escolar. Percebo a história a partir de suas potencialidades para pensar o presente, deslocando-o de uma mera narração factual do passado, e enlaçando os seus tempos e entre-tempos (DELEUZE; GUATTARI, 2005), seu passado-futuro-presente, em um processo de coexistência de tempos. Estes entre-tempos se referem não ao tempo linear e cronológico, mas aos tempos e fragmentos que nos orbitam, como as imagens do passado, cujos movimentos encontram



brechas e irrompem no presente. Este movimento traz composições singulares, pois toda repetição difere por seus outros sentidos sempre variantes, produzidos nas relações entre sujeitos e nas contingências do encontro.

Assim, articulei esta composição aos processos artísticos das apropriações, que possibilitam abordar a história da arte como uma potência, para problematizar nosso presente e nossas relações entre a docência e o currículo. Estas imagens relacionadas entre a história da arte e o presente tornam-se escombros, experienciadas durante a docência como campo de de-formação, abrindo espaço para outras invenções.

Para isso, trago a cartografia como método de pesquisa, que a partir de Deleuze e Guattari (2011), ao abordar o rizoma, pensam em uma perspectiva do processo de investigação da pesquisa e do ato de pesquisar, como método ou estratégia, com o rigor do compromisso e da experimentação. Dessa forma, segundo Barros e Kastrup (2015) não há regras ou objetivos que guiarão o desenvolvimento da pesquisa, apenas o acompanhamento de processos, pois não há a representação de objetos observados. O cartógrafo ficará atento aos encontros produtivos, que lhe afetarão, durante as experiências docentes, em seus espaços formativos, no seu cotidiano, coletará afetos, desejos e intensidades, entradas e saídas de seu território, constituindo um mapa móvel de sua formação.

Dessa forma, a cartografia, como propõe Rolnik (2006) se produz através de variados encontros entre pesquisador e a existência, assim como a produção dos dados, junto a vida, ao deslocamento e recolha do pesquisador, da produção de sua própria escrita, percebendo os processos que compõem o mapa que percorre, sem saber de seu destino, mas atento ao que vibra em seu corpo, aos possíveis desvios em seu percurso. Logo, a cartografia foi potente para deslocar a história da arte de sua cronologia, de seus elementos usuais de memorização, do contexto histórico, das características gerais dos principais movimentos artísticos, da análise da obra e dos contextos biográficos dos grandes artistas. Assim, uma questão permeou essa escrita: Como podemos abordar a história da arte sem cairmos apenas na sua rememoração? A partir desse questionamento, pude perceber os desvios e



experimentações que atravessaram as aulas de artes, entre o currículo, os saberes da história da arte, sua de-formação e apropriações.

## Entre apropriações e de-formações curriculares

Ao trabalhar com as apropriações curriculares, procuro abordá-las como um espaço de invenção, o qual permite movimentos, como incorporações, fugas e retiradas. No campo educacional, também precisamos fazer movimentarem-se os territórios curriculares, retirar-lhes conteúdos, agregar-lhes desejos e possibilidades, quebrar palavras, forçar-lhes o pensamento em direção a caminhos incertos, que não estão dados, traçar-lhes outros percursos, construindo, assim, mapas possíveis na educação das artes visuais.

O currículo normalmente assume a sua constituição conforme é nomeado, muitas vezes por simples simbiose e/ou recognição, mesmo não pertencendo aos sujeitos as definições que os contêm. A pesquisa curricular, segundo Corazza e Silva (2003), necessita adentrar em algumas forças e intensidades que percorrem os territórios curriculares, ao abordar a constituição do conhecimento e da verdade como construções de sentido interpretativas, obtidas nos encontros entre força, vontade de saber e vontade de poder. O currículo, então, é uma construção política, na medida em que seus conhecimentos são selecionados, a partir de objetivos específicos e, em certa medida, contribui para a construção de subjetividades, ao mesmo tempo em que também é produzido por elas. Proponho que o currículo não se limite ao seu caráter representativo (dos valores, poderes e conhecimentos intrincados neste processo), mas que, diante deste currículo, transbordamentos possam percorrer outros saberes. O currículo pode ser discutido, pensado, de-formado, desmontado, incorporado por apropriações dos que nele habitam, sendo movimentado a partir dos encontros e contingências entre currículos, estudantes, saberes e professores.

Neste sentido, Silva (2004) apresenta a proposta de uma educação de-formadora, a qual visa à desorganização do organismo currículo, de seus conhecimentos e de suas verdades, no sentido de não adentrar a padronização do pensar e aprender, mas a multiplicidade de modos de ser estudante e docente. A constituição do currículo escolar pode dar-se de diversas maneiras; o currículo no qual me



aproximei, quando docente de uma escola municipal na cidade de Silveira Marins – RS, de ensino fundamental em turmas do sexto ao nono ano, foi composto por muitas mãos. Cada professora de artes acrescentou nesse texto suas intenções, seus desejos e suas intensidades. Para Silva (2004), a construção de de-formações problematiza o currículo, ao abordá-lo como um processo que deve ser maquinado e desejado por cada docente-discente envolvido no processo de pensar e aprender, e não como planejamento formatado e fechado. A apropriação como desorganização do currículo pode ser abordada como um movimento em direção à de-formação do currículo. Assim, os currículos são tecidos cotidianamente na docência e não devem ser vistos como formatação curricular imutável.

Adentrar neste território da construção do currículo foi um processo potente. Estas palavras impressas como documento, como metas a serem cumpridas e avaliadas, territorializam o currículo, organizam os planejamentos escolares, tendem a enrijecer a dinâmica do pensar e do aprender, ao compilarem as trajetórias de aprendizado, construindo mapas-roteiros de percursos a serem seguidos. Estes planejamentos são importantes para o espaço escolar, mas sua constituição pode basear-se mais em saberes negociados, cartografados, do que em saberes adequáveis, os quais compõem, com as relações entre conhecimentos e desejos, as distintas contingências de cada encontro, entre currículo, escola, estudantes e professores.

Para tanto, o conceito de apropriação foi articulado como uma categoria que opera o currículo, como um processo de criação de seus bordados e colagens alinhavados pela história da arte. Assim, aproximo-me desse conceito, primeiramente através dos movimentos artísticos do século XX. Segundo Argan (2006), é possível perceber que nesse período de transição dos movimentos artísticos, em que a representação não é mais o foco das produções, há a ampliação do escopo de processos e técnicas que envolveram seu feitio. A estruturação da obra de arte se baseia não mais na representação, mas sim na forma, na união entre objeto e espaço. Será com o Cubismo, através de Picasso e Braque, que teremos os primeiros relances desse procedimento de apropriação, no qual a forma se sobressai pela tela, sob utilização de materiais e técnicas não usuais na arte.



As apropriações assumem um caráter de invenção a partir de inúmeros elementos recolhidos do mundo da existência, assim como da própria existência de quem cria, artista-professora, a qual, diante do currículo escolar, alinhava a história da arte atravessada de bordados, justapondo, acumulando ao passado dessas imagens as percepções com as quais tramamos o currículo. A recolha desses elementos do cotidiano, podem ser também abordados como o colecionismo proposto por Chiarelli (2002), a apropriação e a coleção tendem a problematizar as questões de produção do objeto artístico. Para Chiarelli (2002), é o deslocamento de sentido e de ambiente não usual que perpassa a produção de apropriações, a partir das coleções, do que recolhemos do cotidiano e sobreponemos a obra de arte. Archer (2012) aponta que há diversas abordagens para a história da arte, sendo possível abalar a percepção de uma progressiva construção de seu conhecimento. A arte não é mais exigida de ser contada através de uma construção progressiva, da criação do ‘melhor’ conteúdo em relação a épocas anteriores. Já que, “tudo já havia sido feito; o que nos restava era juntar fragmentos, combiná-los e recombiná-los de maneiras significativas” (ARCHER, 2012, p. 156).

Realizar a articulação entre o que propõem as apropriações e operar no campo da educação com essa categoria, torna perceptível que as engrenagens desse procedimento possibilitam trabalhar justapondo os currículos, o qual acrescentamos outros objetos e imagens, conceitos e conteúdos, a fim de criar outros sentidos para o que vemos e convivemos, seja para a arte, seja para a educação.

## Algumas experimentações ao de-formar o currículo

Ao operar um currículo que se costure sobre apropriações, ora justapondo-se e ora desfazendo-se, invento um movimento para seus conteúdos e planejamentos, que de-forme as suas estruturas, incorporando a história da arte e tantos outros elementos que compõem uma aula de artes, através da existência/recolha de cada estudante. O movimento de recolha perpassa tanto pelas apropriações, quanto pelo currículo, que também seleciona os conhecimentos o qual nele serão acumulados. Portanto, proponho pensar sobre as incorporações e as suas relações entre as imagens do passado e as imagens e os objetos associados hoje a estes currículos,



fazendo com que a apropriação movimente a história da arte e o currículo, produzindo, então, algumas de-formações em suas estruturas. Com o currículo formatado para os componentes do planejamento escolar, adentrei por um pequeno desvio, no que diz respeito à própria organização dos conteúdos. Da organização linear e cronológica, propus que tomássemos um caminho a partir da construção de projetos de pesquisa - em uma turma, a escolha se deu pelo tema da arte e natureza.

Construir tais negociações entre o currículo e os estudantes produz um potente movimento pelos conteúdos estáticos dos territórios curriculares. Aproximando, assim, a história da arte contemporânea através da land arte, invertendo a ordem dos planejamentos a partir do que vibrava nos corpos dos estudantes. As experimentações articularam a percepção da natureza que os estudantes vivenciavam cotidianamente, visando a possibilidade de vê-la como potente para a construção da produção artística. Um material que se apresentava como refugo, era, então, desdobrado por apropriações pelos estudantes.

Ao perceber a paisagem como meio, pode-se ter um caminho para produção de outros sentidos. A terra é bordada por seus territórios naturais, subjetivos, criando experimentações nos espaços para fora do papel. Percorrer a escola, recolher materiais, selecionar, transitar pelos territórios curriculares, construir memórias, propor intervenções. Há muitos desvios a percorrer, problematizar a relação da arte com o espaço, com o meio ambiente, com o espectador, com o tempo. Intervir no espaço da escola com suas experimentações deslocou o trabalho isolado da sala de aula para a presença de todo um público, da produção a partir de suas percepções e desejos. Paisagens naturais, paisagens culturais - percorrer e perceber as sutilezas de cada território. Produzir mapas, pequenos recortes, recolher memórias e abrir caminho. Assim, a composição deste conteúdo foi tramada a partir de vários elementos: através das imagens dos artistas abordados, da land arte, da intervenção, dos territórios, das colagens, das linhas, das sobreposições, excluindo e incorporando outros elementos, para a construção de uma composição carregada de sentidos singulares, do encontro e da existência de cada estudante, das imagens, da escola e do currículo.



Essa experimentação possibilitou que, pelo viés da arte contemporânea, algumas composições fossem tramadas, entre a história da arte e seus artistas, criando outros territórios para o currículo, deslocando-o de sua estrutura linear e cronológica e, articulando-o a experimentações na organização escolar. Não há percursos adequados a serem seguidos, há apenas experimentações entre currículo e história da arte, que aqui são operados pelas apropriações – os tais desvios, aberturas e deformações bordadas na docência que experiencio.

Para adentrar no território do currículo pelas suas fissuras, sobreponho o conhecimento da história da arte, incorporo o presente, teço apropriações por entre essas imagens consolidadas. Ao abordar o barroco e seus grandes mestres, a sua ênfase se evidencia na religiosidade do movimento artístico. As inúmeras imagens de santos da igreja católica, sua relação com a narrativa religiosa, carregada de dramaticidade e obscuridade, potencializaram um diálogo entre as crenças que perpassavam pelos estudantes, entre diferentes objetos e imagens os quais hoje provocam alguma adoração, seja de cunho religioso ou não. Tensionar a história da arte sobrepondo o presente, e com isso incorporar os desejos, sensações e vontades que permeiam os estudantes – assim configura-se a movimentação das apropriações, operando entre os relicários que foram construídos contemporaneamente entre os adolescentes, seus ídolos, amores e intensidades. Assim, ao apresentar as apropriações para bordar o currículo, faço deste movimento uma possibilidade para desenterrar raízes da arte barroca, cavar tocas, traçar linhas e saltá-las, entre pequenas recolhas e relicários juvenis, no que diz respeito às possibilidades para o campo curricular.

Abordar a história da arte como conteúdo em sala de aula é um desafio. Normalmente restritas à simples narração factual, biográfica ou compositiva, as relações entre imagens da história da arte e os estudantes não se apresentam normalmente como potentes para o processo de pensar e aprender, seja pela arte, seja pela história. Partindo de um questionamento simples, de como trabalhar o desenho sem utilizar os grafismos do lápis, busquei aproximar conceitos da arte egípcia e alguns artistas contemporâneos que abordam o desenho a partir da experimentação de outros recursos, como Tim Noble e Suzan Webster, Larry Kagan



e Kumi Yamashita (estes, com seus efeitos de sombras), Maurizio Anzeri e Ana Teresa Barboza (e estes, com seus bordados).

Relacionar o desenho fora de sua representação usual - do grafismo do lápis - é uma tarefa difícil para os estudantes. As experimentações possibilitaram aproximar diferentes recortes, em um processo de colagem, de sobreposição e de produção de algumas apropriações, a partir de materiais diversos, como revistas e linhas. De acordo com Mossi (2016), o desenho fora de sua definição tradicional permite constituir-se como ato de criação, e não apenas como desenvolvimento de técnicas.

O desenho como ponto de estranhamento e de apropriações procura de-formar as concepções de arte e de vida, e possibilita a incorporação de territórios incertos ao currículo, inventando linhas e relações 'entre' territórios, ainda que de forma subterrânea, através de tocas, para então deslocar o currículo e desenhos para além do papel e dos grafismos do lápis. Propondo a linha como guia, como material construtor de relações entre as diferentes partes de um trabalho ou de um território, como a folha de papel.

Dentro do currículo decalque e dos conteúdos nele listados, é possível articular alguns trânsitos em relação à história da arte, a partir da arte e o conteúdo, artistas viajantes do século XIX no Brasil, em uma turma do nono ano. Esta linha dura, tramada de forma rígida, aparece, em um primeiro momento, como um obstáculo intransponível ao processo de pensar e aprender. Porém, ao trabalhar com a categoria das apropriações no currículo, operei nas brechas, incorporando elementos, e assim de-formando o currículo, no sentido de fazer alguns desvios por uma outra história da arte. A problemática deste tema deteve-se primeiramente pelos espaços percorridos pelos estudantes, na tentativa de fazer com que o percebessem com ajuda de seus corpos vibráteis, a partir de diferentes ângulos e possibilidades, ao lançar seu olhar para o espaço interno da escola.

Em um primeiro momento, realizamos o exercício de perceber os espaços da sala de aula, traçando linhas de desenho no caderno, e posteriormente percorrendo outros territórios da escola, abordando-os como uma composição focada na construção de um olhar para os lugares que percorriam cotidianamente. Para isso,



alguns questionamentos problematizaram este processo: Que outros olhares posso lançar para os espaços que ocupo e percorro? Que outros sentidos posso produzir a partir deste olhar, para este lugar?

Relacionar o processo passado, dos artistas viajantes do século XIX que percorreram o Brasil colonial para documentar a vida, articulou-se à experiência dos estudantes do nono ano ao percorrer a escola, procurando descobrir os seus espaços - primeiramente pelo desenho e posteriormente pela fotografia, sua manipulação e exposição na escola. Esta foi uma tentativa de negociação, entre passado e presente, entre a história da arte contida no currículo e a problematização do cotidiano escolar, em outras palavras, uma linha de fuga deste conteúdo disciplinar, a fim de articulá-lo às apropriações, incorporando à história da arte o olhar contemporâneo. Assim, aposto na de-formação destes saberes, por entre suas linhas, tramando outras possibilidades de problematizar o passado e também a docência em artes.

Para compor um território curricular, percorri algumas experiências docentes, percebi que determinadas palavras em um plano curricular necessitam de alguns desvios para que o processo de pensar e aprender seja potente aos estudantes. O conteúdo sobre a arte rupestre, pode ser abordado por um processo de apropriações, a partir do grafite, e de artistas como Banksy e os Gêmeos. A experiência com a tinta colocada no muro articula-se de maneira muito mais potente do que se apenas nos detivéssemos na arte rupestre. Os registros contemporâneos que se destacam nos muros dos centros urbanos dialogam com o currículo como espaços de de-formação de sujeitos.

Esta experimentação compôs uma imagem em sobreposição de camadas temporais que saltam do muro, e dos vestígios de tinta escorrendo da parede da escola. Os entre-tempos são tensionados pela produção do trabalho, pelo processo das apropriações e pela ação do tempo e das intempéries da existência. A efemeridade do tempo e o seu desbotamento, irrompe no registro da coexistência do que passa e do que permanece, diante dos corpos que se agitam no pátio da escola. A tinta amarela logo apagou os sintomas de uma produção contemporânea sobre um



conteúdo da história da arte; permanecem os sentidos que cada estudante criou ao marcar com o estêncil a parede da escola.

Ao abordar as pinturas nas cavernas, podemos discuti-las a partir de linhas duras ou linhas flexíveis, dependendo da relação que estabelecemos com a história da arte e da relação deste conteúdo com o modo de estar docente, possibilitando a retomada de alguns desvios do currículo decalque. A arte como invenção e comunicação dos meios que nos produzem, e sua problematização, parece-me essenciais para um maior diálogo entre a arte e o currículo.

### **Desvios entre a história da arte e o currículo**

A história da arte nos convida a traçar alguns desvios a partir dela ou de qualquer imagem que movimente os estudantes. No entanto, este movimento se dá pela relação dos conteúdos com a história da arte e com o currículo, a qual parece, por vezes, constituir-se por uma aura de estranhamento. Falar em história da arte nas aulas de arte em uma escola de ensino fundamental, em alguns momentos exacerbou questionamentos por parte dos estudantes, no que tange à escrita ou ao ato de pensar para então criar, inventar. A representatividade do desenho, e principalmente do desenho livre, ainda é muito presente nas salas de aula. O desafio se apresenta para a docência no sentido de tentar articular a invenção à produção em arte, não implicando na representação e no decalque. O pensar e o aprender não seriam fundamentais para qualquer docência que procure movimento, que queira percorrer desvios? Neste sentido, tentar escapar destas representações de aulas de arte é em si uma apropriação que envolve o currículo e sua de-formação.

Com isso, encaro os currículos e as apropriações como possibilidades de abordar a docência, a partir de suas singularidades, encontros e contingências, os quais lançam problematizações sobre as experiências educativas, e permitem-me inventar de-formações para mover-me entre o currículo e a história da arte. Assim, as apropriações do currículo são invenções potentes para pensar sobre o presente, e permitindo construir um currículo a partir de seus vestígios e de-formações.



## Referências

- ARCHER, M. **Arte Contemporânea**: uma história concisa. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.
- ARGAN, G. C. **Arte moderna**. Tradução de Denise Bottmann e Federico Carotti. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras: 2006.
- BARROS, L. P. Kastrup, V. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E., KASTRUP, V. & DA ESCÓSSIA, L. (org.). **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 52-74.
- CHIARELLI, T. Apropriação | Coleção | Justaposição. Catálogo: **apropriações | coleções**. Porto Alegre: Santander Cultural, 2002.
- CORAZZA, S. SILVA, T. T. **Composições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Tradução Bento Prado Jr. E Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2005.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1, tradução de Ana Lucia de Oliveira, Aurelio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011.
- MOSSI, C. P. Criação de docências, desenhos de/em currículos, alguns fios. In: **Anais da Anped Sul**, Curitiba/PR, 2016. pp. 1-15.
- ROLNIK, S. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2006.
- SILVA, T. T. **A filosofia de Deleuze e o currículo**. Goiânia, Faculdade de Artes Visuais, 2004.